

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

debates@uol.com.br www.folha.com/tendencias

A aberração do troca-troca

HELENA B. NADER



Herman Tacasey

Foi com grande despojamento que recebemos a notícia da substituição do ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Marco Antonio Raupp, matemático que há mais de dois anos, desde sua nomeação, em janeiro de 2012, vem prestando excelentes serviços ao desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação ao nosso país.

Raupp assumiu a pasta com apoio integral da comunidade científica brasileira que nele reconheceu um legítimo representante, capaz de elevar e certamente lutar pelo tratamento da ciência e tecnologia como uma das políticas de Estado prioritárias na esfera pública nacional. E foi o que fez ao longo de sua gestão no ministério, sempre ouvindo e interagindo com as mais diversas sociedades, organizações, instituições e empresas que integram o cenário da ciência, tecnologia e inovação no Brasil.

Para a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), da qual foi presidente entre 2007 e 2011, e para a Academia Brasileira de Ciências (ABC), foi um interlocutor inestimável em vários momentos, como nas longas discussões sobre a implantação de um Código Nacional de Ciência e Tecnologia no país, entre tantas outras frentes em prol de melhorias nas nossas áreas de atuação.

Tem lutado pela implantação de uma cultura favorável à inovação tecnológica advinda de parcerias entre setores públicos e privados, por acreditar que é esse o melhor caminho para a transformação do conhecimento científico e tecnológico em desenvolvimento socioeconômico.

Somos testemunhas dos esforços de Marco Antonio Raupp e sua equipe no ministério para adequar os sucessivos cortes nos orçamentos da pasta ao atendimento do projeto maior para o país, que representam os programas de ciência, tecnologia e inovação.

Não é o perfil do novo ministro a assumir o MCTI, Clelio Campolina Diniz, engenheiro, cientista econômico e até então reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, que nos preocupa, pois certamente é um profissional que representa a comunidade acadêmica e que preenche os requisitos para assumir a pasta.

O que nos assusta é a mínima falta de consideração com a continuidade de um trabalho tão complexo como são os programas governamentais de ciência, tecnologia e inovação, que, até se acomodarem a uma nova gestão, já terão consumido boa parte das apenas nove meses que restam da atual administração federal. É tempo insuficiente

Como cientistas, enxergamos de maneira trágica o uso do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação como parte de arranjos políticos

para inteirar-se de todos os programas, instituições, demandas e projetos de lei em andamento e toda a complexidade de decisões e ações que o sistema requer. Mas isso parece não ser levado em conta.

Não é novidade para nós assistir à aberração para um país que se quer desenvolvido do troca-troca de ministros na pasta de Ciência, Tecnologia e Inovação. Desde que foi criado o ministério, em março de 1985, como compromisso do programa de governo de Tancredo Neves e assumido pelo presidente José Sarney, a pasta foi utilizada como instrumento de barganha política em

vários momentos. Somente no governo Sarney, entre outubro de 1987 a março de 1989, foram cinco trocas de titulares, e no governo de Fernando Collor, três titulares revezaram-se na pasta, entre março de 1990 e outubro de 1992.

Como cientistas, enxergamos de maneira trágica a utilização do MCTI como parte de arranjos políticos. O risco de descontinuidade das ações que vêm sendo empreendidas pela pasta, o prejuízo do tempo e dos recursos que serão perdidos devido à proximidade das eleições e a incerteza quanto aos rumos que o governo pretende dar aos programas de ciência, tecnologia e inovação são motivos suficientemente alarmantes para ficarmos preocupados e atentos.

HELENA B. NADER, 66, é professora titular da Escola Paulista de Medicina da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), é presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

O nome do vilão

GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI

Em meio a tanta pujança, o mundo anda fora dos eixos, cambaleando perigosamente a cada passo.

Gostaríamos de avivar a memória dos cientistas políticos recordando certo expediente vitorioso nas relações de trabalho, ao início do século 20, que contribuiu em parte para elucidar o descalabro atual.

Do redor do ano de 1900, certos grupos de sindicalistas franceses criaram nova estratégia para alcançar mais rapidamente seus objetivos. Deram-lhe o expressivo nome de ação direta. Cansados de esperar em vão pelo atendimento das reivindicações dos trabalhadores, os mais impacientes resolveram forçar a situação, desafiando os trâmites tradicionalmente impostos à sua vontade, como as leis, as instituições, os regulamentos e as normas consagradas de procedimento, visando exclusivamente os resultados práticos de suas ações, sem cerimônia, sem consulta nem mediação, mas às brutas.

Normas, trâmites, diálogo, respeito às partes contrárias e às instituições, tudo isso cai por terra. O contraditório na luta de classes desaparece, liberando a pressão reprimida da ação direta, que irrompe de forma devastadora, como uma força da natureza. Adeus à solução negociada, fora a diplomacia no trato

Prepotente, a ação direta contamina todos os setores da sociedade. Normas, diálogo, respeito às partes contrárias, tudo cai por terra

com a parte contrária neutralizando o atrito e enrijecendo a convivência, a comunidade, a civilização.

No curso do século 20, a ação direta alastra-se para fora, atravessando as fronteiras do trabalho para contaminar todos os setores da sociedade, a política, a economia, o direito, a ética, usos e costumes, a educação e a cultura. A ação direta impõe-se, prepotente, como norma oficial, em toda a extensão da vida pública e privada, insinuando-se no DNA das sucessivas gerações.

Adeus cortesia, vontade de convivência, disposição de contar com os demais, tudo o que define a civilização. Tudo se dissolve no liquidificador gigante da ação direta. Sim, ação direta, esse é o nome do vilão. Em sua prepotência, ela conspira contra o ordem pública, a paz social, a ética e os demais códigos de convivência, inclusive na vida familiar e privada, e ainda contra a ecologia, a sustentabilidade no trato com a natureza e a estabilidade do corpo social e de suas instituições.

O presidente Lula, originário do sindicalismo, é o campeão dos atentados anti-institucionais. Anulou o Poder Executivo e o Poder Legislativo com a pressão das medidas provisórias e da cooptação em massa. Só poupou o Judiciário, que lhe fez frente. Mas, atenção, sem preconceito nem maniqueísmo. Lula e Dilma foram os instrumentos doces de um estado de coisas preexistente.

Ao conceber um projeto de poder em lugar de um projeto de país, Lula encarnou com maestria o espírito da ação direta, entronizando o pragmatismo como a maior virtude do político. Ora, o pragmatismo, como filosofia do sucesso transitório, tem pernas curtas. A maior virtude do líder político não é governar com pragmatismo e sim construir um sistema duradouro da ordem pública, que responda mais às próximas gerações do que às próximas eleições.

O papel do líder, mais do que governar corretamente, é criar novas oportunidades para todos, reforçando a parceria entre sociedade e governo. A exemplo do que ensinava o poeta Schiller, lembrado por Ortega: Quando os reis constroem, têm que fazer os carpinteiros.

GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI, escritor e jornalista, é autor do ensaio "O Sentido da Vida"

PAINEL DO LEITOR

A seção recebe mensagens pelo e-mail leitor@uol.com.br, pelo fax (11) 3223-1644 e no endereço al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos.

Mané Garrincha

É incorreto afirmar, como faz a reportagem "Custo do estádio dobrou em quatro anos" ("Esporte", 16/3), que o custo do estádio dobrou. A obra foi contratada em licitações distintas. A primeira, de R\$ 696 milhões, refere-se à obra civil. Não incluiu itens como cobertura, gramado e assentos. Não é verdade que o investimento no estádio pode aumentar para R\$ 1,9 bilhão. Foram computados recursos do orçamento de revitalização da área central de Brasília, por exemplo, que não podem ser considerados custos da arena. Não houve atraso na entrega da obra, mas antecipação em oito meses. Não existem irregularidades ou superfaturamento na obra e é equivocado dizer que a arena é a mais cara da Copa. Diferentemente de outros estádios, o Mané Garrincha não passou por reforma, foi reconstruído.

SAMANTA SALLUM, coordenadora-chefe de comunicação para a Copa do Br (Brasília, DF)

RESPOSTA DO JORNALISTA FILIPE COUTINHO - As informações sobre o orçamento inicial do estádio foram registradas na reportagem. As afirmações sobre o orçamento final de R\$ 1,9 bilhão, índices de superfaturamento e multas por atraso na obra são dos auditores do Tribunal de Contas do Distrito Federal, que também apontam que o Mané Garrincha é o estádio da Copa que tem o valor mais alto.

Anatel

Muito esclarecedora a coluna de Leão Serva ("Celulares: sorcorro, a Anatel sumiu!", "Cotidiano", ontem). Nesse domingo, permaneci sem sinal de celular por mais de três horas e, ao conseguir finalmente contato com o call center da operadora, fui instruído a registrar as minhas reclamações na ouvidoria por meio do site da empresa. Mas como poderia fazer isso se a linha do meu modem 3G, da mesma operadora, ficou fora do ar por igual período de tempo?

ROBERTO GONÇALVES SIQUEIRA (São Paulo, SP)

É o recorde mundial de desrespeito. Tenho sofrido também com a Embratel. Vou chegar a 300 ligações e 27 e-mails para resolver duas cobranças indevidas. Não tenho direito à indenização?

LEONARDO PORTO GADELHA (Rio de Janeiro, RJ)

Crimeia

O que acontece na Ucrânia é mais um exemplo de como o ruído de uma minoria barulhenta pode ser confundido com o desejo de um país. Nem a praça da Independência em Kiev nem o resultado da Crimeia garantem a vontade da maioria dos ucranianos. São as eleições livres, gerais, simultâneas, secretas e compulsórias que fazem isso. É a velha democracia representativa: cheia de defeitos, mas ainda imbatível.

MARCIO A. MACEDO (Belo Horizonte, MG)

▶ LEIA MAIS CARTAS NO SITE DA FOLHA - www.folha.com.br/paineldoleitor

▶ SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: saa@grupofolha.com.br 0800-775-8080 Grande São Paulo: (11) 3224-3090

▶ OMBUDSMAN: ombudsman@uol.com.br 0800-015-9000

ERRAMOS

erramos@uol.com.br

MUNDO (2.MAR, PÁG. A18) A foto que acompanhou o texto "Sem representação política, é impossível resolver protestos" mostrava uma reunião do Conselho de Segurança da ONU, não manifestantes em Kiev, como informou incorretamente a legenda.

MERCADO (16.MAR, PÁG. B6) A sigla do Estado do Paraná (PR) foi erroneamente grafada na reportagem "Campinas vira aeroporto mais conectado do país". No título do infográfico que acompanhou o texto, a palavra "conexões" foi grafada incorretamente.

MERCADO ESPECIAL SETOR AUTOMOTIVO (14.MAR, PÁG. 2) No infográfico "Em duas décadas, que

Maracatu

Sou frequentador dos ensaios de sambadas na Mata Norte pernambucana há quatro anos e vejo o que vêm acontecendo na região. Parabéns por terem feito a reportagem "Pernambuco aplica 'toque de recolher' a ensaios de maracatu" ("Ilustrada", 15/3) e, de certo modo, terem ajudado a luta pelos direitos do maracatu rural.

MARCELO ALMEIDA (São Paulo, SP)

Amo o maracatu e suas ramificações pelo pop, mas a celebração ganha contornos completamente diferentes com a amplificação elétrica. Duas guitarras e outros instrumentos amplificadores não têm por que tocar ao ar livre, onde pessoas querem conversar, estudar, relaxar ou dormir — na minha opinião, em qualquer horário. Instrumentos sem amplificação devem seguir suas festas como manda o calendário. Isso não tem nada a ver com gosto, mas, sim, com saúde pública.

CYNTHIA GUSMÃO (São Paulo, SP)

Marcha

Programada por nostálgicos da extrema direita, a "Marcha da Família com Deus" pretende reeditar outra manifestação, de triste memória, ocorrida em março de 1964 e que levou ao golpe militar e a 30 anos de ditadura. Felizmente, os tempos são outros.

ARSONVAL MAZZUCCO MUNIZ (São Paulo, SP)

Alstom

Sobre a reportagem "Documentos revelam que cartel dos trens também atuou na área federal" ("Poder", 14/3), informamos que a Alstom foi selecionada para fornecer 15 trens para a Trensurb, sendo responsável por cerca de 87% do contrato. Já para Belo Horizonte foi selecionada pela CBTU para ser responsável por 7% do contrato e fornecerá os controles automáticos de trens. Ressaltamos que os contratos foram objetos de licitação pública, em concorrência internacional, com preferência nacional, respeitando os marcos legais. Outras empresas, inclusive do exterior, tiveram a mesma oportunidade. A proposta foi feita como parte de um consórcio, o que é permitido pela legislação vigente, de acordo com a capacidade produtiva das empresas e especificidade técnica exigida pelo edital.

ADEMIR FERNANDES DE CASTRO (João Pessoa, PB)

Mariana Maciel

Sobre a reportagem "Documentos revelam que cartel dos trens também atuou na área federal" ("Poder", 14/3), informamos que a Alstom foi selecionada para fornecer 15 trens para a Trensurb, sendo responsável por cerca de 87% do contrato. Já para Belo Horizonte foi selecionada pela CBTU para ser responsável por 7% do contrato e fornecerá os controles automáticos de trens. Ressaltamos que os contratos foram objetos de licitação pública, em concorrência internacional, com preferência nacional, respeitando os marcos legais. Outras empresas, inclusive do exterior, tiveram a mesma oportunidade. A proposta foi feita como parte de um consórcio, o que é permitido pela legislação vigente, de acordo com a capacidade produtiva das empresas e especificidade técnica exigida pelo edital.

MARIANA MACIEL, assessora de imprensa da Alstom (São Paulo, SP)

▶ LEIA MAIS CARTAS NO SITE DA FOLHA - www.folha.com.br/paineldoleitor

▶ SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: saa@grupofolha.com.br 0800-775-8080 Grande São Paulo: (11) 3224-3090

▶ OMBUDSMAN: ombudsman@uol.com.br 0800-015-9000

acompanhou a reportagem "Acelerador e freio", o Estado de Santa Catarina foi marcado erroneamente no mapa no lugar do Estado do Paraná.

CIÊNCIA (17.MAR, PÁG. C7) A última frase da reportagem "Brasil e China antecipam novo satélite para 2014" saiu incompleta. O correto é "Apesar da falha, trata-se de um veículo com altíssima taxa de sucesso".

GUIA FOLHA (14.MAR, PÁG. 61) e **REVISTA SÃO PAULO** (16.MAR, PÁG. 61) Após a conclusão das edições, a assessoria de imprensa do espetáculo "O Menino e a Liberdade", no Theatro São Pedro, informou que, às sextas-feiras, a sessão começa às 20h.